



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
Escola de Comunicação

ANDRÉ LUIZ DE AGUIAR FREITAS

NORDESTE:  
UM IMAGINÁRIO CORROBORADO PELO JORNAL “O GLOBO”

Rio de Janeiro, novembro de 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

ANDRÉ LUIZ DE AGUIAR FREITAS

NORDESTE:  
UM IMAGINÁRIO CORROBORADO PELO JORNAL “O GLOBO”

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para obtenção de grau em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

Rio de Janeiro, novembro de 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

ANDRÉ LUIZ DE AGUIAR FREITAS

NORDESTE:  
UM IMAGINÁRIO CORROBORADO PELO JORNAL “O GLOBO”

Aprovada em 12 de dezembro de 2006.

Orientador:

---

Prof. Dr. Paulo Roberto Gibaldi Vaz

Examinadores:

---

Prof. Dr. Micael Maiolino Herschmann

---

Prof. Dr. Milton José Pinto

## AGRADECIMENTOS

- Ao meu Deus, que um dia me resgatou, mudando a minha história;
- Aos meus pais que, mesmo sem saber muito bem o porquê, investiram na minha educação, seguindo uma “tradição” pequeno-burquesa;
- Ao professor Paulo Vaz, que de uma maneira clara e simples, me ajudou neste trabalho e me conduziu à reflexão de quão rasa é a maneira como construímos um olhar sobre o outro;
- À professora Raquel Paiva, que com paciência e bom humor, me ajudou a cumprir os protocolos deste final de curso;
- Aos que me apoiaram, entenderam, aprenderam e utilizaram a arte da “cagação de regras”: Alan, Bolinha, Elisa, Gérard, Gustavo, Matheus, Renatinha, Serginho e Paulo Rogério (o último mente, e não assume que faz uso da arte);
- Aos amigos, professores e monitores, que fiz ao longo de quatro anos na equipe de geografia do pH;
- Aos novos amigos feitos no estágio na Infoglobo, que caminharam juntos comigo neste ano de aprendizado e expectativa;
- À coordenadora de estágio, Nívia, que sabe “misturar” muito bem amizade e profissionalismo. Seu liberalismo com meu modo de relacionamento, aliado a bons conselhos e orientações foram muito importantes para o meu crescimento profissional.

“... até que eu vá, aplica-te à leitura, à exortação, e ao ensino. Não negligencies o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbítero. Ocupa-te destas coisas, dedica-te inteiramente a elas, para que o teu progresso seja manifesto a todos.”

- 1 Timóteo 4: 13-15 -

(Primeira carta do apóstolo Paulo ao seu filho na fé, o jovem pregador Timóteo de Éfeso)

## RESUMO

FREITAS, André. **Nordeste: um imaginário corroborado pelo jornal “O Globo”**. Prof. Dr. Paulo Vaz (Orientador). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2006.

Este trabalho tem como objetivo geral estudar a construção da identidade da região Nordeste do Brasil a partir da visão do Sudeste e entender como está estabelecido o imaginário de nordestino a partir da imprensa. As visões de alteridade são divididas em três eixos principais: o atraso político e econômico; o imigrante e o exótico paraíso turístico. A partir da definição dos três tipos de alteridade para o Nordeste o foco de análise passa a ser a linha editorial seguida pelo jornal O Globo, o impresso de maior circulação da capital fluminense. Em suas diferentes editorias o Globo trata a região de modos diferentes, mas corroborando um olhar, que muitas vezes recorre ao estereótipo, sulista de construção do outro. Seguindo no estudo de algumas matérias publicadas na editoria “O País”, no caderno “Boa Viagem” e da série especial “Vida Severina”, é possível notar como o discurso do Sudeste constrói o outro e ao mesmo tempo traça parâmetros opostos para a construção de si mesmo.

Palavras-chave: Nordeste; imaginário; jornal “O GLOBO”; alteridade; discurso do Sudeste; construção da identidade.

## SUMÁRIO

### 1. INTRODUÇÃO

### 2. ALTERIDADE

#### 2.1. CONSTRUINDO O OUTRO

#### 2.2. “EU ESTOU CERTO”

### 3. NORDESTE BRASILEIRO

#### 3.1. IMAGINÁRIO DE NORDESTE

#### 3.2. ATRASO POLÍTICO E ECONÔMICO

#### 3.3. PARAÍSO TURÍSTICO

#### 3.4. IMIGRANTE

### 4. CONCLUSÃO

### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXO I

ANEXO II

ANEXO III

## 1. INTRODUÇÃO

Vivemos os tempos da pós-modernidade, onde é difícil precisar a identidade dos indivíduos, ela é volátil, muda de uma hora para outra ou um mesmo sujeito apresenta várias delas. Entretanto, assistimos em pleno século XXI situações em que as diferenças são usadas para hierarquizar as identidades e conseqüentemente, estabelecer, ainda, padrões. Este trabalho de conclusão da graduação tem o intuito de tentar elucidar a maneira como construímos nosso imaginário sobre o território “outro” a partir de autores que questionaram o mecanismo de negação da negatividade como instrumento de auto-identificação. As obras de Nietzsche e Foucault alicerçam este estudo.

O tema deste trabalho encaixa o imaginário construído pelo discurso dominante sobre a região Nordeste do Brasil nessa construção da alteridade. De modo sistemático o Nordeste brasileiro é exposto na mídia sob uma forma reduzida e estereotipada. Pela necessidade de recorte no tema, foi escolhida a opção de manter a pesquisa focada nas mídias impressas, mais especificamente o periódico diário. Por estar sendo realizada no Rio de Janeiro, a produção seria mais simples e palpável se o estudo o estudo convergisse suas atenções para um jornal que circulasse majoritariamente pelo território fluminense. Dessa forma, a escolha do jornal “*O Globo*” como objeto de análise vai ao encontro dos entremeios e objetivos dessa monografia.

A posição do “*O Globo*” frente aos outros jornais cariocas - em termos de circulação, vendas de espaço publicitário e projeto editorial -, coloca-o como a melhor e mais prática opção quando se deseja observar como a imprensa trata e retrata uma região geográfica do Brasil. Hoje, “*O Globo*” detém o maior índice de circulação do



Estado do Rio de Janeiro e o segundo maior do país. Em abril de 2006<sup>1</sup>, o jornal teve média de circulação de 376.469 exemplares aos domingos e 258.041 entre segunda e sábado. Os números colocam o impresso na liderança entre os jornais, que tem como público principal leitores das classes A e B predominantemente – 81%<sup>2</sup>. Ou seja, quando trata de qualquer assunto, e com o retrato da região Nordeste não é diferente, “*O Globo*” sabe que seu discurso é ressoante nas classes média e alta.

A análise dos discursos jornalísticos é feita ao longo da observação do noticiário das diferentes editoriais do jornal, mostrando a visão Sudeste construída a partir de prismas diferentes. Credo ser irrefutável que a produção de informação por um jornal com o porte de influência de “*O Globo*” contribui na formação de opinião de seus leitores, esta pesquisa pretende compreender um pouco mais a estética e o imaginário – paralelos, ou não, à realidade – que o habitante da região Sudeste, mais especificamente o fluminense, tem do Nordeste. Este trabalho passa a ter uma relevância para a área da comunicação social no sentido em que pensa questões éticas e políticas da prática jornalística.

Não há aqui nenhum interesse em defender uma visão, em denegrir profissionais ou combater com ressentimento algum estereótipo, afinal, o autor deste trabalho nem sequer nasceu em um estado nordestino; mas é natural do Rio de Janeiro. Penso entretanto, que na condição de formando e de iniciante na carreira de repórter no próprio jornal “*O Globo*”, é importante refletir sobre a forma como os discursos são construídos e lembrar que, muitas vezes, passam invisíveis aos nossos olhos, mesmo que vivamos eles cotidianamente.

---

<sup>1</sup> Números segundo os dados do IVC – Instituto Verificador de Circulação. O IVC é uma empresa sem fins lucrativos e tem por objetivo proporcionar autenticidade às circulações de publicações.

<sup>2</sup> Fonte: Instituto de pesquisa Ipsos-Marplan.

Para compreender a construção da alteridade, é preciso discutir neste trabalho outros conceitos como: estabilidade e perda da identidade, normalização, punição e exclusão. Daí, entenderemos que o processo de construção da imagem do “outro” é a referência primaz para o estabelecimento do nosso próprio “eu”. É dessa maneira que está estabelecido o discurso dominante: eu sou o “não-outro”.

Reconhecidos os conceitos e processos, é possível aplicar à situação editorial do jornal “*O Globo*”, reconhecendo em suas editorias pelo menos três visões para a alteridade (Nordeste): área de atraso político e econômico, um belo paraíso turístico e muitas vezes exótico e o imigrante. A partir da análise dos textos é que se verifica a colaboração do “*O Globo*” na construção do imaginário do Sudeste sobre o Nordeste. Foram selecionadas por sorteio duas semanas de publicações do primeiro semestre de 2006 da editoria “*O País*” para analisar como o Nordeste e o nordestino são retratados no cotidiano. O sorteio foi feito apenas incluindo o primeiro semestre por se tratar de um ano eleitoral, quando o noticiário na segunda metade do ano fica muito impregnado pela disputa política. Também por sorteamento, foram escolhidas seis matérias do suplemento semanal “*Boa Viagem*” – especializado em turismo. A partir do suplemento é possível perceber uma outra visão de alteridade para a mesma região. Por fim, foi selecionada a série de reportagens especiais “*Vida Severina*”, que trata do migrante no nordestino que ruma para o Rio de Janeiro. Eis um terceiro ponto de vista.

## 2. ALTERIDADE

Entendendo por alteridade a natureza ou condição do que é do outro, estabelecendo relações de diferença e contraste, podemos citar neste trabalho algumas visões de alteridade sobre a região Nordeste. Contudo, antes, é preciso compreender como se dá no âmbito das relações sociais a construção do que diz respeito ao outro e como essa construção está estruturada em relação à imagem que temos de nós mesmos.

### 2.1. CONSTRUINDO O OUTRO

O indivíduo cotidianamente, seja em suas atividades diárias mais banais ou em suas reflexões mais profundas sobre o meio social que o cerca, tende a propor afirmativas etnocêntricas ou etnoculturais. Trata-se de uma atitude que pode ser tomada individualmente ou em grupo, onde as avaliações e as visões desse indivíduo ou grupo estariam sempre calçadas nos valores tradicionalmente adotados e seguidos por eles. A partir daí, esses valores passam a ser adotados como referências e padrões de valor. Basicamente, encontramos em tal posicionamento um grupo étnico sendo considerado como superior a outro.

Contudo, o atual estudo da antropologia não mais admite no campo científico tal tipo de construção. Sabe-se que não existem grupos superiores ou inferiores, mas grupos diferentes. Apesar disso, como já dito, é bastante comum nos depararmos com proposições rasas, preconceituosas e discriminatórias quando se trata da descrição do outro. É o momento no qual posicionamos o que é e o que vem do outro em relação aos nossos padrões de valor e conseqüentemente, posicionamos em relação a nós mesmos.

A posição do Nordeste e a identidade do nordestino, importantes objetos desse estudo, no que se convencionou chamar de nação brasileira, estão perfeitamente encaixadas num discurso etnocêntrico que nasce no pólo econômico e ainda político do país; a região Sudeste. Tal visão regional é também impregnada por um eurocentrismo descabido e que se repete no âmbito nacional. Em muitos casos é fácil perceber em setores da elite brasileira uma percepção no mínimo interessante sobre a identidade do povo brasileiro. Segundo Muniz Sodré, há amostras significativas de um discurso conservador e racista no que ele chama de “paisagem metropolitana nacional”:

“A velha consciência elitista, até agora convicta de seu pertencimento europeu, descobre com horror e medo o que as massas já sabiam há muito tempo, embora só o enunciassem na prática das liturgias cosmológicas, mitos, cânticos, danças, festas, jogos de continuidade simbólica: o país não tem uma, duas, três ou quatro identidades (falsa a tese de “dois Brasil”), mas uma dinâmica múltipla de identificações, evidenciadas pela forte heterogeneidade sociocultural da realidade sul-americana.”<sup>3</sup>

Tal certeza de que valores europeus são mais relevantes na composição da identidade brasileira é determinante para que o discurso Sudeste imponha ao Nordeste uma posição “caribenha” à região; do mesmo modo que no âmbito internacional a elite brasileira subdivide a América Latina em uma porção desenvolvida e industrial, chamada de Cone-Sul e uma outra subdesenvolvida de reserva cultural, Caribe. Sodré relembra um texto do economista Roberto Campos publicado em 1996 no jornal “*Folha de São Paulo*” que ilustra essa situação de preconceito:

---

<sup>3</sup> SODRÉ, Muniz. 1999, p. 30-31

“Boa parte do nosso subdesenvolvimento se explica em termos culturais. Ao contrário dos anglo-saxões, que pregam a racionalidade e a competição, nossos componentes culturais são a cultura ibérica do privilégio, a cultura indígena da indolência e a cultura negra da magia...”<sup>4</sup>

Dessa forma, o Nordeste e o nordestino estão inseridos como o outro, e o outro é o não-Eu. Então, fica simples entender que a negativização do outro é, ao mesmo tempo, dizer, às vezes de forma subliminar, que Eu não detenho as características negativas vistas no outro. Passa a ser uma forma de criar uma fisionomia rígida para aquilo que é diferente, facilitando a exclusão.

A construção da identidade de si e do outro é uma atitude relacional, marcada pela diferenciação. A diferença é, portanto, marcada pela exclusão. O nordestino é para o ser Sudeste aquilo que ele não quer ser e diferenciado por aquilo que o ser Sudeste tradicionalmente é. Uma das formas mais comuns de a identidade estabelecer suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos. Muniz Sodré cita autores que ratificam a idéia do uso de elementos da tradição local como alicerces para estruturação da identidade:

“Daí sustentar Parsons – cuja teoria da ação social acentua a grande importância dos mecanismos da identificação - que a identidade pode ser “entendida enquanto conceito sociológico”, no quadro da compreensão de “ideologia” como um sistema interpretativo cujos objetos, compartilhados por um grupo social, podem ser crenças, valores, padrões cognitivos e lingüísticos, etc.

Assim é que Jaspers aponta para “o que é digno de fé, aquilo que atrai confiança; existe o caminho que nos conduz, pátria e paisagem, pais e ancestrais, irmãos, irmãs, amigos, existe a esposa. Existe o fundamento criado pela tradição ao longo da história: a língua

---

<sup>4</sup> SODRÉ, Muniz. 1999, p. 30

materna, a fé, a obra dos pensadores, dos poetas e dos artistas.”<sup>5</sup>

Contudo, na sociedade atual, o indivíduo é fragmentado, tendo ou fazendo parte de várias identidades. Num mundo tão complexo, onde informações de massa são jogadas todos os dias sobre as pessoas; onde migrações físicas, psicológicas e comportamentais acontecem a cada segundo; com a globalização mais acelerada do que nunca, é, e não poderia ser diferente, comum o indivíduo não ter apenas uma identidade e sim se familiarizar, se identificar com várias. A identidade não é estável e unificada, ela é mutável e às vezes até mesmo provisória. Esta perda de um sentido de si estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentralização do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentralização dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. Karl Jaspers e Gabriel Tarde, citados na obra de Sodré, chocam-se no que diz respeito a essa estabilidade da identidade do indivíduo na sociedade:

“Jaspers realça, como se vê, a estabilidade do comportamento, da continuidade sócio-histórica, ou ainda da igualdade entre elementos – ou seja, descreve o sujeito clássico do Iluminismo. Faz o contrário de Tarde que, inscrevendo a noção de identidade na duração (dimensão finita do tempo) não a concebe como um cosmo fechado, mas como uma ordem plástica de regulação do sujeito – ou seja, abre caminho para o interacionismo simbólico na formulação identitária. Algo assim como o leito por onde corre um rio: aparentemente fixo e predeterminado, o leito transforma-se imperceptivelmente. A personalidade individual sofre mudanças (por efeito de um “diálogo” contínuo com a sociedade ou o mundo externo) ou antes, variações sobre um fundo “mais ou menos idêntico”: a identidade “atenuada”. ”<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> *Idem* p. 34-35

<sup>6</sup> SODRÉ, Muniz. 1999, p. 35

Na modernidade, a explicação plausível para essa diversificação de identidades pode ser encontrada no fato denominado globalização. A globalização é a diminuição do espaço pelo tempo, com ela as informações, as culturas, os modos de vida, e as diversas idéias de diferentes grupos são transitados por vários lugares, não importando o espaço e a distância, através dos meios de comunicação.

Voltando ao pensamento norteante que vigorou a partir do século XIX, conseguimos entender como nasce a valoração do outro; a partir do ressentimento. O ressentimento passa a criar valores na imagem vista do outro e a partir da repugnância desses valores acaba-se estabelecendo também uma imagem do Eu. O “Não” dito àquilo que vêm do outro passa a ser um ato criador de valores em si. Tudo que é ou pertence ao “território outro” recebe uma valoração baixa ou negativa. Uma equação simples denuncia o que sou o “Eu”: tudo aquilo que não é o “outro” é um “Sim” às características do “Eu”.

Tomando por base as imagens de valor de Sudeste e Nordeste, podemos encaixar tais módulos perfeitamente nesse pensamento tipicamente Nietzscheano. Como o discurso vigente e sobrepujante sobre o imaginário regional dos espaços territoriais provê do próprio Sudeste, chegamos à situação em que os veículos responsáveis pela produção e difusão de informação que atingirão a maior da sociedade brasileira detêm um enorme poder, apenas por estarem produzindo a partir do “epicentro” hegemônico. Historicamente, os enunciados significativos que partem desse “epicentro” de poder fizeram questão de manter uma rígida distância de valores em relação à região Nordeste. Foi dito, ao longo dos tempos, um sonoro “Não” subliminar às características, vistas de forma reduzida e preconceituosa, da região e do seu povo. Fazendo uma breve análise do discurso midiático, é fácil perceber o Nordeste na posição de “outro”, de “fora” ou de “não Eu”, seguindo o modelo Nietzscheano:

“A rebelião escrava da moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesmo, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “Não eu” – e este Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores – este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, falando fisiologicamente, requer estímulos exteriores, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação.”<sup>7</sup>

Tal modelo demonstra ainda que há uma necessidade de valorar o outro de forma negativa por uma insatisfação com o próprio Eu. Em verdade, é possível notar nos enunciados que partem da visão Sudeste a tal “rebelião escrava na moral”<sup>8</sup> e o nascimento dessa “moral escrava”<sup>9</sup>, que precisa nascer a partir da oposição a um mundo exterior. É por isso, que quando se trata de descrever o Nordeste e os nordestinos assistimos a uma enxurrada de conceitos estereotipados e rasos, quase sempre com aspectos de contraste com os conceitos que o Sudeste julga vestir.

Nietzsche em sua obra afirma que a “moral nobre” está alicerçada no básico positivo e que aquele que é “positivo” por essência não precisa negativizar ou polarizar com o “outro” para conhecer sua natureza bela. Pelo contrário, enxergar o “outro” traz ainda mais gratidão e suficiência ao seu “Sim” a si mesmo. Por muitas vezes, aquele que é auto-suficiente em si mesmo até ignora a esfera daquilo que ele despreza, desconhece o que é e o que vem do “território outro”. Mais uma vez, fica comprovado que o discurso regional brasileiro está calçado nos princípios da “moral escrava” por

---

<sup>7</sup> NIETZSCHE, F. 1987, p. 34

<sup>8</sup> *Ibidem*

<sup>9</sup> *Ibidem*



fazer questão de contrastar-se com o que julga ser negativo, para aí sim, poder vangloriar-se de si mesmo.

“O contrário sucede no modo de valoração nobre: ele age e cresce espontaneamente, busca seu oposto apenas para dizer Sim a si mesmo com ainda maior júbilo e gratidão – seu conceito negativo, o “baixo”, “comum”, “ruim”, é apenas uma imagem de contraste, pálida e posterior, em relação ao conceito básico positivo, inteiramente perpassado de vida e paixão, “nós, os nobres, nós, os bons, os belos, os felizes!” Quando o modo de valoração nobre se equivoca peca contra a realidade, isso ocorre com relação à esfera que não lhe é familiar, que ele inclusive se recusa bruscamente a conhecer: por vezes não reconhece a esfera por ele desprezada, a do homem comum, do povo baixo;”<sup>10</sup>

Nesse ponto, ganha importância a análise do discurso midiático que será apresentada numa parte posterior deste trabalho, visto que tais falas são “produtos culturais empíricos”, onde podem ser encontradas “pistas ou marcas deixadas pelos processos sociais de produção dos sentidos”<sup>11</sup>. Eis aí a tentativa de compreender aspectos culturais que provocam ressentimento no “Eu Sudeste”. Segundo Milton Pinto, a partir da análise dos textos é possível não apenas chegar ao que os mesmos dizem ou mostram, mas melhor ainda, chegar ao “como e por que o diz e mostra”<sup>12</sup>, isso sim seria o mais importante.

Passa a ser possível então, concluir que o discurso hegemônico traça um Nordeste cheio de nuances mitológicas, características baixas e o porquê é ainda mais simples: o Sudeste se posiciona através da enunciação do “Não-Nordeste”. Quanto mais negativo for o “outro”, “mais positivo” é o “Eu”. O objeto de oposição é transformado

---

<sup>10</sup> NIETZSCHE, F. 1987, p. 34-35

<sup>11</sup> PINTO, Milton José. 2002, p. 26

<sup>12</sup> *Idem* p. 27

propositalmente em monstro caricato, como num processo de vingança movida pelo ressentimento e pela falta de alegria com a natureza própria. Nietzsche sintetiza a questão dizendo:

“Os “bem-nascidos” se sentiam mesmo como os “felizes”; eles não tinham de construir artificialmente a sua felicidade, de persuadir-se dela, menti-la para si, por meio de um olha aos seus inimigos (como costumam fazer os homens do ressentimento); e do mesmo modo, sendo homens plenos, repletos de força e portanto necessariamente ativos, não sabiam separar a felicidade da ação...”<sup>13</sup>

Em tempos pós-modernos, a xenofobia e o racismo passaram a ser temas de crescente preocupação. Não há, no entanto como compreender esses problemas sem discutir alteridade. Fenômenos como esses estão inseridos nas diferenças regionais do Brasil e produzem relações sociais e discursos excludentes. O preconceito, o racismo e a conseqüente xenofobia são manifestações diretamente ligadas ao não reconhecimento do outro. O olhar sob a alteridade é geralmente incapaz de conviver com as diferenças, de se proporcionar um olhar interior a partir dessas diferenças. Os indivíduos têm sido continuamente condicionados a manter-se extremamente fixados na valorização das suas diferenças individuais: força, inteligência, raça, gênero, poder e conhecimento.

A construção das diferenças é, sobretudo, simbólica. As formas negativas com que se constroem o “território outro” servem para construir e estabelecer a identidade dominante. A identidade nordestina imaginada e produzida no Sudeste ratifica as posições de atraso político e dependência econômica e de centros industriais urbanos e desenvolvidos, respectivamente. A identidade passa a ser utilizada nos discursos no seu sentido denotativo; como conjunto de caracteres próprios e exclusivos com os quais se pode diferenciar um indivíduo ou uma localidade. Identidades direcionadas pelas

---

<sup>13</sup> NIETZSCHE, F. 1987, p. 35-36

características culturais de uma região do país são totalmente subjetivas, são absolutamente flexíveis, pois podem ser facilmente influenciadas. São estereótipos que se modificam ao longo do tempo.

## 2.2. “EU ESTOU CERTO”

As relações humanas estão impregnadas de princípios normativos que estabelecem normas ou padrões de comportamento; que determinam o que é correto, bom e aceitável. Dessa forma, é dominante aquele que normatiza, que cria as normas e determina os padrões. O ser dominante tem ainda a possibilidade de sancionar aquele que descumpre ou foge aos padrões esperados e regras impostas. Podemos aplicar a situação do imaginário cultural regional brasileiro no modelo “Foucaultiano” de normalização. Afinal, como é definida a normalidade? E como tratar o que foge dela?

A normalização, antes de tudo, é uma padronização, uma uniformização do correto. Para aquele que constrói o discurso, o ser dominante, ou ele próprio, está dentro das normas e padrões. No caso do Nordeste, a fuga do esperado deposita o imaginário da região sempre no “baú das abominações”, de tudo aquilo que precisa ser evitado e que não traz desenvolvimento ou no “baú do exótico”. O próprio adjetivo “exótico” traz consigo uma carga significativa muito forte. Buscando a essência denotativa temos: “não originário do país em que ocorre; que não é nativo ou indígena; estrangeiro”<sup>14</sup> O próprio termo comprova que o que é exótico é visto como de fora do campo “Eu”. Aquilo que é exótico pode ainda ser entendido como algo que não foi bem acabado ou realizado; que é esquisito, excêntrico ou extravagante.

---

<sup>14</sup> INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. 2001, verbete: “exótico”

As normas acabam sendo para o ser dominante motivos para agir, para acreditar ou para sentir. Contudo, elas são também os principais parâmetros para ordenar e conceder permissões. Ao invés de descrever os estados do mundo, elas acabam servindo para prescrever maneiras de ser ao mundo (outro). É interessante ainda lembrar que nos jogos de poder as normas determinam que o “vencedor”, “o vencido” e “as pontuações”.

A normalidade é compreendida a partir do discurso dominante por aquilo ou aquele sem defeitos, problemas, físicos ou morais; aquilo que é comum, usual ou natural. É aceitável a comparação do nordestino que é estereotipado pelo discurso Sudeste com o homossexual visto como o incomum no século XIX. Sobre a visão que aquela sociedade tinha sobre o indivíduo que não compartilhava de uma sexualidade tida como normal, Foucault descreve:

“O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que lhe é, no fim das contas escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual porém como natureza singular.”<sup>15</sup>

Assim como o indivíduo homossexual está reduzido à sua sexualidade, na comparação, o reduativismo da imagem sobre o indivíduo se aplica ao nordestino. No imaginário construído nos grandes centros ele passa a uma personagem cujas características estão associadas ao simples fato dele ter nascido fora do eixo de poder e “normalidade” do Sudeste. Assim como no caso do homossexual, a um homem sertanejo do século XXI nada que lhe é próprio escapa às influências da sua terra natal.

---

<sup>15</sup> FOUCAULT, Michel. 1984, p. 43

Nesse imaginário, as características do meio impregnam e determinam os traços e propriedades do indivíduo. A partir dessa separação rígida entre o “Eu”, nascido fora dali, e o “outro”, é que o nordestino descamba para a esfera de tudo o que precisa ser abominado e tudo aquilo que o “Eu” não quer ser ou vai à esfera do que é exótico, precisando ser estudado ou servindo como fonte de prazer (no caso, o turismo).

Foucault faz ainda uma análise interessante sobre a forma como a sociedade moderna tratou de rotular, especificar e tratar todo tipo de sexualidade que se desvie da heterossexualidade adulta monogâmica:

“Pois essa colocação do sexo em discurso não estaria ordenada no sentido de afastar da realidade as formas de sexualidade insubmissas à economia estrita da reprodução (dizer não às atividades infecundas, banir os prazeres paralelos, reduzir ou excluir as praticas que não têm como finalidade a geração)? Através de tais discursos multiplicaram-se as condenações judiciais das perversões menores, anexou-se a irregularidade sexual à doença mental; da infância à velhice foi definida uma norma do desenvolvimento sexual e cuidadosamente caracterizados todos os desvios possíveis; organizaram-se controles pedagógicos e tratamentos médicos; em torno das mínimas fantasias, os moralistas e, também e sobretudo, os médicos, trouxeram à baila todo o vocabulário enfático da abominação: isso não equivaleria a buscar meios de reabsorver em proveito de uma sexualidade centrada na genitalidade tantos prazeres sem fruto? Toda esta atenção loquaz com que nos alvoroçamos em torno da sexualidade, há dois ou três séculos, não estaria ordenada em função de uma preocupação elementar: assegurar o povoamento, reproduzir a força de trabalho, reproduzir a forma das relações sociais; em suma, proporcionar uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora?”<sup>16</sup>

Ele mostra que as classificações e rótulos impostos à personagem incorporam e especificam o diferente de maneira bastante precisa o diferente, porém separando-o. Deixa de existir uma intenção moral, mas vigora o fato de se criar uma “fisionomia

---

<sup>16</sup> FOUCAULT, Michel. 1984, p. 37-38

rígida” para o que é diferente; é mais fácil saber o que é preciso não ser. Tratando do foco de estudo deste trabalho, é bastante semelhante a forma como a mídia dos grandes centros de poder econômico tratam e retratam a região Nordeste do país e tudo aquilo que lhe é estranho. Há uma incontável nomenclatura e gama de adjetivos que rotulam e especificam características da região. É tudo bem delimitado e definido. A mídia vem se apropriando de uma série de estudos de caráter científico (dos campos da antropologia e das ciências econômicas e sociais, principalmente) para corroborar a organização de um pensamento rígido, assim como a medicina foi usada no século XIX para explicar a sexualidade periférica.

Não é raro percebermos nas reportagens, muitas sustentadas em aspectos científicos, uma determinação para as vocações do Nordeste e do seu nativo. São sutis características que as matérias reportam de uma forma como se elas já fossem esperadas. Como quando se fala de um sertanejo, que por viver numa sub-região onde a estiagem é por vezes severa e difícil a relação com o meio natural, como um indivíduo predestinado à miséria e sempre tentado a migrar para o Sudeste. A imprensa busca explicações para todas as apresentações desse imaginário de Nordeste. Essa variedade de nomenclaturas (sertanejo, imigrante, polígono da seca, bóia-fria, paraíso turístico, afro-decendentes, cana-de-açúcar, latifúndios, coronelismo, currais eleitorais etc.) e explicações contribuem para a constituição e difusão para a sociedade do Sudeste desse imaginário do “não-Eu”. Essa difusão por meio da imprensa gera uma sensação imprecisa de que tais elementos apenas existem no “outro” e nunca no “Eu” Tal fato instiga movimentos de recusa à incorporação do indivíduo e ao racismo e a xenofobia.

A personagem “outro” passa a ser uma espécie; sempre diferente do que é correto e natural. Assim como Foucault questionou, é possível agora fazer a mesma pergunta: tais discursos, tão amplificados e explorados pela imprensa, estão a serviço da

reprodução de uma força de trabalho historicamente subjugada, da manutenção de uma ordem regional de poder e na preocupação em assegurar uma visão política e econômica conservadora?

Por vezes, chega a parecer que essa imprensa dominante desconsidera a concepção de identidade do sujeito da pós-modernidade e está ainda presa àquele sujeito sociológico da modernidade. Desconsidera que as “identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é deslocadas ou fragmentadas”.<sup>17</sup> Ignora de forma sutil que antigas paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade têm sido mudadas e fragmentadas pelas transformações nas sociedades, principalmente a partir da segunda metade do século XX. Stuart Hall faz uma longa definição sobre essa compreensão moderna de identidade, que hoje julgamos que serve a modelos conservadores de pensamento e que a imprensa, que representa o pensamento de um segmento importante da sociedade, parece apegar-se e contribuir para reforçar:

“A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. (...) De acordo com essa visão, (...) a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.

A identidade, nessa concepção sociológica preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade então

---

<sup>17</sup> HALL, Stuart. 1998, p. 8

costura (...) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.”<sup>18</sup>

Esta estabilidade de identidade movida pela interação do indivíduo pessoal com o espaço exterior não cabe mais ao período pós-moderno, voraz e variável. Contudo Hall cita um aspecto importante em seu texto e que pode servir para compreendermos o porquê da predileção eventual pelo modelo do “sujeito sociológico”. Hall diz que nessa concepção tanto os sujeitos quanto os mundo culturais são mais predizíveis, ou seja, são mais facilmente antecipadas ou previstas. Essa característica confere a possibilidade da confecção de estereótipos e da manutenção da visão conservadora. É preciso entender que o sujeito com uma identidade estável e monomórfica está sendo constantemente fragmentado, sendo composto não mais de uma identidade, mas de várias. As identidades que compunham as paisagens sociais tradicionalmente conhecidas estão mudando estruturalmente. O processo de identificação tornou-se mais difícil, instável e provisório. Isto torna mais grave a tentativa de se manter imaginários rígidos e rasos sobre sujeitos e espaços. Hall segue com a crítica:

“A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.”<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> *Idem* p. 11-12

<sup>19</sup> HALL, Stuart. 1998, p. 12



Por outro lado, essa crise de identidade da pós-modernidade é também aproveitada pelo discurso midiático no caso das relações regionais de poder no Brasil. As múltiplas identidades possíveis para o mesmo sujeito nordestino e para a região Nordeste são discutidas no que Hall chama de “jogo de identidades e suas conseqüências políticas”<sup>20</sup>, considerando um elemento importante:

“Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença.”<sup>21</sup>

É exatamente dessa forma que acontece hoje no Brasil. Dependendo da forma como somos interpelados, o Nordeste pode assumir identidades diferentes. Se a idéia é fazer uma análise crítica sobre a situação política do país, é muito provável que ao imaginário de Nordeste esteja associada a concepção de atraso, com uma política de mandos e desmandos dos “coronéis” proprietários de terras. Se a intenção é traçar um modelo de desenvolvimento econômico, o padrão sempre será o espaço urbano-industrial do Sudeste, desconsiderando o que há de semelhante na região Nordeste e ressaltando as imagens de defasagem econômica. Dessa vez, desconsiderando os espaços que no Sudeste apresentam o mesmo problema.

Por último, se há prazer em conhecer o exótico, aí sim as qualidades do turismo nordestino serão enaltecidas e, aí sim, o que antes era abominável passa a ser prazeroso. Há um fluxo entre os territórios “Eu” e “Outro”. É o momento em que esse fluxo é positivo, quando nós vamos até o outro. No entanto, é sabido que esse fluxo nem

---

<sup>20</sup> *Idem* p. 21

<sup>21</sup> HALL, Stuart. 1998, p. 21

sempre é tido como positivo e que quando o sentido é inverso (o “outro” vem para cá) a identidade do imigrante fragmenta-se mais uma vez e os sentimentos de piedade, medo e raiva acabam se confundindo. Esse é o ponto em que o papel dos meios de comunicação de massa corrobora o imaginário presente em meio a uma parcela considerável da sociedade. Reforça através de suas narrativas aparências distorcidas da realidade, levando uma vertente dessa realidade social a ser tomada como a realidade completa. Em sua obra Muniz Sodré mostra como a mídia colabora na discriminação de alguns sujeitos sociais a partir da construção de uma identidade estereotipada:

“Nos meios de comunicação de massa dispositivos centrais de produção das aparências da modernidade contemporânea, os cidadãos “discrimináveis” são geralmente apresentados em filmes, programas de entretenimento ou de informação como vilões ou cidadãos de segunda classe (em papéis que representam atividades socialmente inferiorizadas) ou são pura e simplesmente excluídos. Em outras palavras, numa cultura que vive cada vez mais de narrativas e representações tornadas visíveis num espaço publicitário e tecnológico, a visibilidade do negro e do migrante é essencialmente negativa. O discriminável é automaticamente suspeito.”<sup>22</sup>

As formas violentas de montagem industrial na imprensa reforçam os papéis e estereótipos presentes na memória coletiva da sociedade tradicional. Novas maneiras de discriminação são colocadas sobre os tradicionais modelos de exclusão do território “outro”, constituindo o que chamamos de racismo. A diferença é sempre interpretada com diferença de valor e segue como elemento para a estruturação hierárquica a partir da falta de semelhança. Para que esse imaginário deturpado opere na prática, é preciso um modelo que classifique os diferentes valores de identidade humana. A imprensa, não importa se de forma consciente ou inconsciente, se propõe a isso por muitas vezes.

---

<sup>22</sup> SODRÉ, Muniz. 1992, p. 114

Nós costumamos perceber por identidade o que os nossos sentidos entendem como diferença. Na primeira percepção, aquilo que é indeterminado se sobressai, mas a ordem social busca controlá-lo por meio dessas determinações de identidades, com o intuito de buscar uma homogeneização, que na prática não existe, e uma previsibilidade dos comportamentos sociais.

O correto, certo e esperado é o que está no “Eu” e raramente o que vem do outro. Padrões são estabelecidos a partir de uma normalidade que conjuga duas imposições: uma de ordem artificial, quando um regulamento determina o que é o correto, e outro de ordem natural. A normalização, aí, nasceria de uma repetição de processos naturais, a partir da observação de como eles estão dispostos e de como os indivíduos reagem a eles. A regularidade dessas disposições naturais passa a ser uma regra em si. Estando uma minoria fora de dessa regularidade/normalidade, estão então sujeitos às sanções e exclusões. Na modernidade, “o que se têm como bom (...) não tem realidade própria, todo o ser do normal consiste em não ser anormal...”<sup>23</sup> Muito provavelmente o “bem” é sempre uma negação da negatividade inventada pelo discurso dominante do poder. Aos desviantes resta a punição como único instrumento de salvação. Os indivíduos passam a estar sob o constante medo de não serem regulares e passam, eles próprios a resistirem à identidade estável.

“Todos eles temerão haver em si algo que o tornaria anormais e, assim, passarão suas vidas a lutar contra si mesmos, contra seus desejos, para se constituir como sujeitos normais. Os normais são culpados; o exercício de sua liberdade consiste no esforço de livrar-se das tentações. A divisão da sociedade entre normais e anormais faz existir essa mesma divisão no interior de cada ser humano. O campo das experiências íntimas do

---

<sup>23</sup> VAZ, Paulo. 2004, p. 6

(Acessado em 27/11/2006, disponível em:

[http://www.pos.eco.ufrj.br/disciplinas/file.php/55/minhas\\_publicacoes/pvaz1.pdf](http://www.pos.eco.ufrj.br/disciplinas/file.php/55/minhas_publicacoes/pvaz1.pdf))

sujeito moderno é, portanto, delimitado pelo temor da anormalidade e pelo prazer ressentido em ser normal.”<sup>24</sup>

Um exemplo prático bastante interessante dessa esquivia identitária pode ser percebido num costume do indivíduo originário do estado da Bahia: apesar de ser nativo de um dos principais estados nordestinos, o baiano lança fora a identidade de nordestino e prefere ser chamado apenas de baiano. Esse pequeno gesto denuncia o êxito e o enraizamento dessa cultura de negação da negatividade imposta. O texto de Paulo Vaz explica essa tentativa dos seres “anormais” de passarem para a “normalidade”:

“A idéia de reabilitação está contida na de norma. Esta última veio substituir a de natureza humana e requer o esforço de curar. Quando dizemos que algo é anormal, implicitamente estamos supondo que algo pode e deve ser feito para superar o “erro”.<sup>25</sup>

No caso do baiano, o sujeito que nega sua natureza nordestina e delimita-se ao seu estado natal está identificando negatividade na identidade regional e busca “superar o erro”, corrigindo com a aproximação com o discurso Sudeste.

---

<sup>24</sup> *Idem* p. 7

<sup>25</sup> VAZ, Paulo. 2004, p. 9

### 3. NORDESTE BRASILEIRO

A região Nordeste é o espaço regional brasileiro que possui a maior quantidade de estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Pernambuco (incluindo o Distrito Estadual de Fernando de Noronha), Rio Grande do Norte e Sergipe. As maiores cidades nordestinas, em termos populacionais, são: Salvador, Fortaleza, Recife, São Luís, Maceió, Natal, João Pessoa, Aracaju, Ilhéus, Itabuna, Teresina, Campina Grande, Feira de Santana e Olinda.

O Nordeste foi primordialmente habitado pelos homens da pré-história, posteriormente pelos índios, que antes da colonização ajudavam os europeus na extração do pau-brasil em troca de especiarias, era o escambo; mas foi durante o período de colonização que eles foram sendo eliminados, devido as constantes “batalhas” contra os senhores de engenhos, que por vezes tentavam escravizá-los.

A região foi o palco do “descobrimento” do país, aonde os primeiros portugueses chegaram por volta do ano de 1500, ao comando de Pedro Álvares Cabral, na atual cidade de Porto Seguro, no estado da Bahia. Foi no litoral nordestino que se deu início a primeira atividade econômica do país, o extrativismo vegetal do pau-brasil. A cidade de Salvador foi a primeira sede do governo-geral no Brasil, pois estava, estrategicamente, localizada em um ponto médio do litoral. O governo-geral foi uma tentativa de centralização do poder para auxiliar as capitanias, que estavam passando por um momento de crise. A atividade açucareira é até hoje a principal atividade agrícola da região, mas foi também a primeira a sofrer uma grande crise de concorrência, levando a região a um esvaziamento, no final do século XVII.

Devido principalmente à concentração de terras, à modernização de porções do campo nordestino e às conseqüências problemáticas dos períodos de seca na região do

sertão nordestino, somados com a grande oferta de empregos de outras regiões principalmente nas décadas de 60 e 70, em especial na região Sudeste, a migração nordestina tem sido destaque na migração nacional. Contudo, na última década, devido à superpopulação nas grandes cidades e à estagnação econômica, os empregos diminuíram, a qualidade da educação piorou e a renda continuou mal distribuída, fazendo com que a maioria dos nordestinos e descendentes, que antes migraram pela falta de recursos, continuasse com a vida estruturalmente precária. Por causa da visão espelhada nas décadas anteriores, o falso ideal imaginário que se formou em relação à região Sudeste é da promessa de uma qualidade de vida melhor, de fácil oportunidade de emprego, salários mais altos, entre outros; iludido por esse sonho, quando um nordestino migra para o Sudeste em busca de uma melhoria na qualidade de vida, acaba encontrando o contrário, além de sofrer preconceito social no dia-a-dia.

Segundo dados do IBGE, a região possui mais de 49 milhões de habitantes, quase 30% da população brasileira, sendo a segunda região mais populosa do país, atrás apenas da região Sudeste. Assim como acontece em todo o território brasileiro, a população nordestina é mal distribuída - cerca de 60,6% dela fica concentrada na estreita faixa litorânea (Zona da Mata), enquanto que o interior é pouco povoado.

### 3.1. IMAGINÁRIO DE NORDESTE

Quando se fala em Nordeste, é bastante comum buscarmos em nossas lembranças as imagens de extrema miséria, secas severas e periódicas que dizimam os rebanhos e impedem as plantações, provocando êxodo (migração) e morte por fome e sede. Lembramos ainda da truculência dos “coronéis”, mandando matar ou surrar os trabalhadores; nossas aulas de história do colégio sobre o período da República Velha

voltam à mente. Em verdade, a região apresenta bolsões de pobreza absoluta, mas a região não pode ser reduzida a apenas isso. O Nordeste é, sobretudo, uma área de contrastes, assim como o restante do território brasileiro. Podem ser encontradas populações vivendo em estágios de seminomadismo – como os que habitam porções do Sertão e que deslocam sazonalmente para trabalhar nas lavouras da Zona da Mata – e grupos provando do que há de mais modernos nos grandes centros urbano-industriais. Numa mesma região há desde pessoas que praticamente não fazem uso de dinheiro até outras que vivem da especulação no mercado financeiro. Há os que andam por estradas de terra levados por carroças e os que enfrentam engarrafamentos nas cidades. É por isso, que qualquer imaginário que tente compor uma identidade única para o Nordeste acabará fadado a ser raso.

Em muitos casos, a região é ilustrada nos jornais, e no “*O Globo*” não é diferente, como sendo uma área de grandes potencialidades, principalmente naturais, com povo forte, mas que é tida como vítima de sua própria história de ocupação. As diferentes editorias, com seus diferenciados focos e pretensões, ratificam simbolismos e estereótipos sobre a região e sua população. É bem verdade que na maioria quase unânime dos fatos, até onde se é permitido observar, não há a divulgação de leviandades de forma dolosa; e as construções em geral são feitas a partir de inferências dos fatos do cotidiano real. Contudo, é inegável que o maior jornal do Rio de Janeiro não desfaz ou enfraquece o *status quo ante*<sup>26</sup>. Sendo assim, permanece a visão já estabelecida, superficial e estereotipada.

De uma forma grosseira, podemos entender alguns exemplos de ratificação do imaginário Sudeste sobre a paisagem e o cotidiano nordestino a partir de imagens pré-concebidas vindas das editorias do jornal. Nas etapas seguintes tentaremos analisar

---

<sup>26</sup> O estado antes (existente)

neste trabalho como essa engenharia editoria se dá na prática cotidiana do jornal na editoria “O País” – que trata do noticiário político do país - no suplemento “Boa Viagem” – caderno semanal especializado em turismo – e na série de matérias especiais publicadas na editoria “Rio”, “Vida Severina”.

### 3.2. ATRASO POLÍTICO E ECONÔMICO

A editoria de política “O País”, por exemplo, mantém sutilmente nos noticiários a concepção de que o Nordeste ainda vive a “Velha República”, com a “política dos coronéis”<sup>27</sup>, entre mandos e desmandos. É ratificada a idéia de que o Nordeste necessita de um “choque de gestão” com novas políticas de desenvolvimento; quase todas já aplicadas no eixo Centro-Sul do país. A idéia de que desde as capitâneas hereditárias e sesmarias a política da região ainda é composta pelas mesmas famílias é muito forte. No entanto, é pouco comum que os jornais lembrem à população que há também fortes resquícios da velha política republicana em estados como Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro.

Por estarem localizados numa região vista por quem não a conhece muitas vezes como “desamparada”, os estados nordestinos costumam ser apresentados na mídia como um espaço onde o Brasil teria “parado no tempo”: lá “ainda” existem problemas que as regiões Sudeste e Sul já teriam superado, o que também não é verdade. No dia 08/02/2006, “*O Globo*” publicou na sua página 11 duas matérias<sup>28</sup> que mostram o problema do trabalho escravo na região. Na primeira, o subtítulo diz “Deputado foi

---

<sup>27</sup> Conjunto de ações de cunho político-social de latifundiários - chamados de coronéis -, própria do meio rural e das pequenas cidades do interior, que floresceu durante a Primeira República (1889-1930). O domínio econômico e social para a manipulação eleitoral em causa própria ou de particulares.

<sup>28</sup> Ver anexo I, p. 2 – “*O Globo*”, 08/02/2006.



acusado de manter 53 trabalhadores em condição análoga à de escravos em fazenda no Maranhão” e na segunda, o título é “Chesf<sup>29</sup> responderá por trabalho escravo no Ceará”. São dois textos que mostram casos de escravidão em estados nordestinos de forma factual, não havendo como verificar problemas na apuração das notícias. Contudo, é exatamente esse modelo superficial e factual que colabora com a imagem de atraso absoluto já existente; restringe-se a mostrar que o Ministério Público do Trabalho atua na coação desse problema em dois casos diferentes, ignorando outros casos semelhantes pelo país. Marcando a identificação da negatividade, um dos textos tende a chocar o leitor ao dizer: “Os trabalhadores dormiam num velho estábulo, ainda com fezes de animais. Eles contaram que foram seduzidos pela promessa de ganharem um salário-mínimo e terem a carteira de trabalho assinada”. No dia seguinte o jornal fez a *suíte*<sup>30</sup> dos dois casos mantendo a diagramação de publicá-los juntos<sup>31</sup> na mesma página, automaticamente relacionando um fato ao outro; mesmo que indiretamente.

No dia 10/02/2006, o jornal lançou em sua página 3 – considerada a mais nobre de um impresso – uma destacada reportagem sobre a discussão da adoção do sistema de cotas nas universidades federais. É interessante percebermos que nesse caso “*O Globo*” toma proveito da multiplicidade de identidades da pós-modernidade, já discutida no capítulo 2 deste trabalho. Na página, há um *feature*<sup>32</sup> com o título “O baiano que deu a volta por cima”<sup>33</sup> onde vemos a mudança indentitária no discurso, variando de acordo com interesses externos. No caso, trata-se de um estudante nordestino, baiano, de classe

---

<sup>29</sup> Companhia Hidroelétrica de São Francisco (Chesf)

<sup>30</sup> Do fr., continuação, seqüência. Desdobra-se uma notícia já publicada anteriormente pelo próprio veículo ou por outro órgão de imprensa. Dá-se continuidade à apuração dos fatos.

<sup>31</sup> Ver anexo I, p. 3 – “*O Globo*”, 09/022006.

<sup>32</sup> Qualquer matéria sobre assuntos variados que não necessariamente está subordinada à matéria principal ou ligada ao dia da publicação.

<sup>33</sup> Ver anexo I, p. 4 – “*O Globo*”, 10/022006.

média, que se julga prejudicado pelo sistema de cotas na sua primeira tentativa de ingressar na Universidade Federal da Bahia. O jornal então “compra” a causa do baiano José Fernandes, mas obviamente que o fator de semelhança que faz o discurso Sudeste apóia um nordestino não é a naturalidade do rapaz, mas a sua inserção social. No texto do *feature* lemos:

“José Fernandes não é contrário às cotas, mas entende que os critérios devem ser reavaliados. Não considera justo que um aluno pobre prejudique outro com situação similar por ser negro. O mérito por ter cursado o ensino médio em colégio particular, a seu ver, é dos pais que se sacrificam para dar uma educação melhor aos filhos.”

O “*Globo*” segue então dando a fala do jovem:

“– Perder o primeiro vestibular foi decepcionante porque tinha estudado muito. Mas pior que ser barrado foi ver gente com classificação muito abaixo da minha entrar como cotista.”

É entendível a posição do jornal de ignorar o fator local; nesse caso não faz diferença ser um estudante da Bahia ou do Rio Grande do Sul, já que há milhares de estudantes de classe média “vitimados” por esse sistema de cotas. Ou seja, é de interesse dos leitores do “*Globo*” que o jornal se posicione sobre a questão.

No domingo seguinte, dia 12/02/2006, o jornal abre a sua página 3 e segue na página 4 com reportagens sobre nepotismo no judiciário brasileiro. Essa é uma prática política de privilégio de parentes em cargos de confiança que soa mal à sociedade e “*O Globo*” se posiciona também quanto a isso. Contudo, o que importa nesse trabalho é como o Nordeste está sendo exposto. Inexplicavelmente, pelo menos sem conhecer os pensamentos dos responsáveis pela edição, os estados nordestinos aparecem destacados.

Junto com a matéria principal segue uma coordenada<sup>34</sup>, cujo título é: “Em Pernambuco, assunto de família”<sup>35</sup>. O texto fala da decisão do presidente do Tribunal de Justiça de Pernambuco de exonerar sua filha de um cargo de confiança. Ao mesmo tempo, o jornal mantém a sensação de que essa é uma política comum no estado nordestino; o texto denuncia:

“Único tribunal de justiça do país onde o nepotismo foi investigado por uma pesquisa com rigor científico, sob responsabilidade da Fundação Joaquim Nabuco, o de Pernambuco acusava no final do ano passado que, dos 382 cargos comissionados, 127 eram ocupados por parentes de desembargadores e juízes. A lista não parava de crescer e, pouco depois da resolução do CNJ, mais 30 foram contratados.”

Na página seguinte o título é: “No Maranhão, desembargadores vão oficializar desobediência à resolução”<sup>36</sup>. A reportagem indica que a desembargadora Nelma Sarney, cunhada do senador José Sarney, empregava seis parentes no seu gabinete. Outros estados que discutiam a mesma resolução aparecem com menor destaque nas páginas daquele domingo. Não é difícil imaginar que o leitor médio saia com a impressão de que o Maranhão mantém uma velha política de interesses. Por último, pela objetividade jornalística, não haveria motivo para mencionar com destaque no subtítulo que a desembargadora é cunhada do senador, ícone das oligarquias maranhenses. Com essa observação segue uma mensagem subliminar.

Ainda na edição do dia 12/02/2006, a matéria “Cotas darão mais vagas a estudantes pardos” trata mais uma vez do sistema de cotas e faz uma associação, que apesar de usar dados técnicos, pode ser perigosa. Já foi discutido que os candidatos

---

<sup>34</sup> Matéria vinculada ao tema da principal, sem necessariamente estar subordinada a ela.

<sup>35</sup> Ver anexo I, p. 5 – “*O Globo*”, 12/02/2006.

<sup>36</sup> Ver anexo I, p. 6 – “*O Globo*”, 12/02/2006.

negros que têm direito às cotas de ingresso nas universidades são colocados pelo discurso dominante na posição de “outro” e que a polarização acontece porque os vestibulandos restantes se sentem prejudicados. No texto da matéria há a junção de duas identidades negativizadas; a do negro ou pardo (que “rouba” a vaga do “Eu”) e do nordestino:

“Em 19 estados, mais da metade das vagas será destinada a estudantes que se declaram pardos. Pelo IBGE, a grande maioria da população nas regiões Norte e Nordeste é dessa cor. (...)Os estados com o menor percentual de negros e pardos são os do Sul.”<sup>37</sup>

Em campanhas eleitorais para presidente, principalmente, não é difícil perceber uma associação que carregar uma mensagem subliminar perigosa e preconceituosa. Quando um candidato tem a maioria dos eleitores no Nordeste, é comum que a divulgação também seja acompanhada do dado que informa que o mesmo candidato é o preferido entre os mais pobres. Dessa maneira, o povo nordestino e o candidato recebem imputações artificiais: uns não devem saber votar e o outro só ganha porque os eleitores são pobres e logo, não devem saber votar. Ou ainda, quando um político vence na região, logo surge a suspeita de que houve algum tipo de barganha digna da Velha República.

Considerado por alguns como principal instrumento de barganha eleitoral do governo Lula, o “Bolsa Família” recebeu duras críticas ao longo, principalmente, do ano de 2006 e não foram poucas as denúncias de desperdício de dinheiro público. No dia 13/02/2006, “*O Globo*” reforça uma denúncia de irregularidade no sul da Bahia feita pelo programa “*Fantástico*”, da TV Globo, com o título: “Bolsa Família beneficia até

---

<sup>37</sup> Ver anexo I, p. 7 – “*O Globo*”, 12/02/2006.

filha de fazendeiro”<sup>38</sup>. No dia seguinte, uma *suíte* mostra que o governo cancelou os benefícios irregulares, mas chama atenção um *Box*<sup>39</sup> de opinião que mostra, dessa vez de forma explícita, a posição do jornal.

“Tudo, porém, teria sido evitado se o ritmo de ampliação do Bolsa Família não obedecesse mais ao calendário das urnas e menos ao bom senso e à cautela necessários quando se trata de gastar o dinheiro do contribuinte.”<sup>40</sup>

Um último exemplo mostra que “*O Globo*” valoriza a disputa pelo eleitorado nordestino, considerado capaz de mudar os rumos da eleição. Na coluna “*Panorama Político*”, o colunista Ilimar Franco faz observações<sup>41</sup> sobre os bastidores dos partidos políticos. Entretanto, o Nordeste permanece no cerne da questão; seja na disputa dos caciques políticos da região, seja na posição do eleitorado diante do voto. Há uma máxima que pode ser percebida no texto que o voto do eleitor nordestino é determinado pela identificação regional. Logo, para vencer eleições presidenciais é preciso ter um representante nordestino na chapa. O eleitor da região é visto de forma homogênea, tal perspectiva está apoiada na identidade reduzida e estereotipada discutida no capítulo 2 deste trabalho.

---

<sup>38</sup> Ver anexo I, p. 8 – “*O Globo*”, 13/02/2006.

<sup>39</sup> Espaço, geralmente delimitado por fios, que traz informações adicionais ao corpo de uma matéria jornalística.

<sup>40</sup> Ver anexo I, p. 9 – “*O Globo*”, 14/02/2006.

<sup>41</sup> Ver anexo I, p. 10 – “*O Globo*”, 22/03/2006.

Na matéria “Mesmo com benefícios, famílias põem filhos para trabalhar”, vemos a situação típica em que a alteridade está retratada em aparições meramente negativas na imprensa. O repórter, a partir de Teresina, no Piauí, narra em seu texto “mais um drama nordestino” com um detalhismo que humaniza o texto, convenientemente. Tal forma narrativa gera, a partir da leitura da matéria, um sentimento de pena pelo “outro”.

“Os R\$ 95 mensais do Bolsa Família recebidos pela quebradeira de coco babaçu e carvoeira Maria da Conceição Sousa, de Agricolândia (a 88 quilômetros de Teresina), não são suficientes para evitar que seu filho Renan, de 13 anos, cate latas de cerveja, pedaços de ferro e plástico no lixão da Vila Santo Antônio, na Zona Sul da capital. O garoto vende tudo como sucata. Ele está há duas semanas sem freqüentar as aulas na Unidade Escolar Reis, de sua cidade, onde cursa a 4ª série do ensino fundamental.”<sup>42</sup>

No dia 25/03/2006, em “Fome alimenta a prostituição infantil”<sup>43</sup>, a estratégia narrativa é semelhante e o resultado o mesmo: compaixão. Por silogismo o Nordeste é mostrado como área de expansão da prostituição infantil. Na região há fome, a fome causa prostituição infantil, logo, no Nordeste haverá prostituição infantil.

O último exemplo selecionado mostra como o repórter, mesmo que não seja proposital, descarrega a ideologia dominante que ele próprio já absorveu. Na entrevista com a senadora Patrícia Saboya Gomes (PSB-CE) o jornal publica as perguntas dirigidas diretamente e em seguida as respostas da senadora. O tema em discussão é a exploração sexual associada ao turismo sexual. Sem que houvesse qualquer embasamento ou “gancho” anterior, na quinta pergunta o repórter deixa transparecer sua visão pré-concebida:

---

<sup>42</sup> Ver anexo I, p. 11 – “*O Globo*”, 23/03/2006.

<sup>43</sup> Ver anexo I, p. 12 – “*O Globo*”, 25/03/2006.

*“Por que o problema é mais grave no Nordeste?”*

**Patrícia:** Não acho mais grave, talvez seja mais aparente por causa do turismo. O maior problema é que em todo o Brasil a capacidade de reação é baixa (...)<sup>44</sup>

Ficou evidente que o repórter tentava fazer uma ilação que não se sustentava em dados concretos e sua pergunta acabou redirecionada pela entrevistada. Em muitos casos o grande desafio é enfrentar a falta de experiência concreta – uma visita ao Nordeste, por exemplo, - dos formadores de opinião da região Sudeste. E é a falta desta experiência concreta que pode explicar o fato de a imagem da região fora dela ser composta, até hoje, por mitos que não correspondem à realidade absoluta.

### 3.3. PARAÍSO TURÍSTICO

No suplemento “Boa Viagem”, especializado em turismo, o jornal confere a mesma região um tratamento diferenciado, explicitando – como é de se esperar – a setorização editorial dos assuntos do noticiário. Em um suplemento de turismo, com anunciantes que têm interesse direto em fomentar suas vendas através do aumento da atividade turística, uma outra vertente da realidade nordestina é valorizada. Praias, belas matas da caatinga, chapadas e paraísos intocados são enaltecidos enquanto a miséria do sertão é deixada para as outras páginas do impresso.

No Anexo II deste trabalho estão juntadas matérias selecionadas por sorteio que mostram essa mudança de foco na abordagem da região. O turismo é uma atividade que está de certa forma relacionada à idéia de prazer; os visitantes realizam viagens para lugares distintos dos que vivem com fins de lazer ou negócios. O turismo marca o fluxo entre os territórios e no caso do Nordeste esse fluxo inverte a ordem do discurso

---

<sup>44</sup> Ver anexo I, p. 13 – “*O Globo*”, 26/03/2006.

dominante. Fluxo ideológico marca “o rico que vai para lá” em busca de prazer e exotismo. Chama atenção principalmente o conteúdo dos títulos e subtítulos<sup>45</sup>, sempre dedicados a enaltecer belezas naturais, preservação histórica – indiretamente relacionada no imaginário à industrialização incipiente –, valores culturais e serviços para os turistas.

“Do homem, uma cidade que mistura estilos colonial e moderno; da natureza, esculturas de areia pinceladas por lagoas azuis”

“Arte dos azulejos preservada”

“Com acesso pelo Rio Preguiças, Atins tem hospedagem perto das dunas”

“RIQUEZA NATURAL

Parques da Serra da Capivara e das Confusões, além do delta do Parnaíba, são pontos de destaque no roteiro”

“Resort com tempero da Bahia”

“Nordeste unido pelo Mercotur”

“Folia ou sossego no Nordeste?”

“Turista pode ir atrás de mais de cem trios elétricos em salvador ou assistir a craques do jazz em Guaramiranga”

Nesse aspecto é importante ressaltar como a oposição de imagens fica mais nítida. O Piauí, por exemplo, que é tido como berço do famoso “Polígono da Seca”, sendo uma das regiões mais sofridas para o sertanejo, pode de repente começar a ser tratado como uma agradável paisagem ao turista que pretende viajar pelo Nordeste. A

---

<sup>45</sup> Ver anexo II, p. 1-11 – “*O Globo*”, Suplemento “*Boa Viagem*”.



exuberância da caatinga piauiense e a hospitalidade do “povo de origem humilde”; não mais miserável, são enaltecidos e as intempéries esquecidas.

### 3.4. IMIGRANTE

Sem dúvida alguma, na editoria “Rio” do jornal “*O Globo*”, que trata de cobrir o noticiário do Estado do Rio de Janeiro, o Nordeste é mais lembrado pelo seu nativo, o nordestino. Tal figura é emblemática em qualquer pauta sobre imigração. É importante lembrar que cidades do Centro-sul, como o Rio, sofrem com o problema da hipertrofia urbana, e não é raro a opinião pública atribuir ao imigrante esse problema. Entre as décadas de 60 e 70 o eixo Rio - São Paulo recebeu levas de imigrantes do Norte e Nordeste.

Contudo, o nordestino é associado de forma bastante direta aos problemas que estão ligados a sua chegada a grande metrópole fluminense. O nordestino “que deu certo” é visto como alguém que não tendo condições de prosperar, seja qual for a área de atuação, na sua região de origem, precisou então migrar para o Sudeste para aí sim, ter sucesso. No meio artístico, assistimos a uma quantidade considerável de personagens nordestinos quem são vistos como migrantes que deram certo no “Sul”.

O fluxo entre territórios é inverso ao que foi visto anteriormente, onde a alteridade é tida como paraíso turístico. Agora, são os “outros” vindo para cá. Um fluxo que nem sempre agrada o nosso eu, principalmente, por causa do nosso medo e da nossa raiva; reações ao deslocamento do diferente em nossa direção.

Entre os dias 15 e 22 de maio de 2005 o “*Globo*” publicou uma série de matérias especiais sob o nome de “*Vida Severina*”. A série monta um panorama contemporâneo da migração de nordestinos para o Rio de Janeiro. O fenômeno do

êxodo não é novidade, tanto que entre 1954 e 1955 João Cabral de Melo Neto escreveu a obra *Morte e Vida Severina*, contando a dura trajetória de um migrante nordestino em busca de uma vida mais fácil e mais favorável no litoral. Série do “*Globo*” tem o nome inspirado no livro de João Cabral de Melo Neto e foi a vencedora do Prêmio ESSO de Jornalismo, na categoria “ESPECIAL 50 ANOS”, em 2005. É a partir de uma breve análise sobre essa série, que este trabalho tenta responder algumas perguntas sobre o imaginário montado sobre esse ser “outro”, que teima em operar uma aproximação com o nosso estável “Eu”. O que ou quem são eles? Quando eles vêm para cá? E o que fazem aqui?

A primeira das perguntas pode começar a ser respondida a parti do título da primeira reportagem da série. “Da miséria do sertão à realidade da favela” é um título claro e objetivo. Eles são, sobretudo, pobres e miseráveis nordestinos do sertão subdesenvolvido como mostra o texto:

“Apesar do Açude de Araras, que ameniza os efeitos da seca, moradores de Hidrolândia enfrentam uma dura realidade. As casas dos pais e avós de Queila não têm redes de água ou esgoto. Segundo o IBGE, apenas 39% das residências no município são servidas por rede de água. E somente 0,5% conta com sistema de esgoto.”<sup>46</sup>

---

<sup>46</sup> Ver anexo III, p. 2 – “*O Globo*”, 15/05/2005.

Outra reportagem do dia 15/05/2006 tem mais um título um título que corrobora a identificação de miséria: “A gente almoça no meio da tarde para comer uma vez só”<sup>47</sup>. Esse enunciado denuncia que os moradores do sertão passam fome. Partes do texto mostram inclusive, que a fome é um dos fatores de expulsão para o Rio. Nessa reportagem, fica evidente que as imagens fotográficas contribuem na enunciação da mensagem, configurando um texto misto. As imagens são constantemente usadas na mídia impressa sob diversas técnicas de tratamento e diagramação para definirem posições enunciativas.<sup>48</sup> Na página, quatro fotos em preto e branco mostram a aridez e a precariedade das condições de vida no sertão.

O migrante vem para cá quando a esperança na sua terra acabou e ele precisa de um novo espaço para sobreviver. Um dos títulos permite essa inferência: “A viagem da esperança dura mais de 50 horas”<sup>49</sup>. Ou seja, o migrante traz consigo a esperança de uma vida melhor, já impossível na terra dele; a maioria vem em busca de emprego. “Quer emprego? Vá para o Rio”<sup>50</sup>, diz o entretítulo da reportagem do dia 16/05/2006.

É preciso ressaltar que com uma breve análise sobre o discurso dos principais jornais do país – todos editados no Sudeste – se percebe a construção do imaginário de que o sonho do nordestino é migrar rumo as grandes cidades do Sudeste. Tal visão é arcaica por desconsiderar três pontos importantes: produz uma visão de que só há grandes metrópoles com ofertas de serviços e empregos no Sudeste. Estamos no século XXI e desde a década de 80 do século XX algumas capitais nordestinas figuram entre as metrópoles nacionais, segundo o IBGE. Outro ponto desconsiderado, é que o nordestino não quer migrar, mas ele precisa migrar. Existe uma série de fatores de expulsão que

---

<sup>47</sup> Ver anexo III, p. 4 – “*O Globo*”, 15/05/2005.

<sup>48</sup> PINTO, Milton José. 2002, p. 37-38

<sup>49</sup> Ver anexo III, p. 3 – “*O Globo*”, 15/05/2005.

<sup>50</sup> Ver anexo III, p. 5 – “*O Globo*”, 16/05/2005.

obrigam o indivíduo a mudar de posição geográfica, sob pena de se não o fizer, comprometer a sua sobrevivência e da sua família. Os fatores de expulsão, no entanto, não estão espalhados por cada centímetro do solo do Nordeste, mas são mais evidentes em regiões marginalizadas e que configuram bolsões de pobreza.

Enfim, o que eles fazem aqui? Eis um dos pontos mais delicados dessa alteridade (o imigrante). Três informações retiradas dos textos da série são relevantes: a qualificação desse indivíduo, frequentemente, é baixa – “Dos nordestinos que vêm para o Rio, 72% não têm o ensino fundamental”<sup>51</sup> –, os retirantes moram em favelas, e de certa forma, ajudam a expandi-las – “Segundo o diretor de Informações Geográficas do Instituto Pereira Passos, (...) a migração é um dos três fatores que mais contribuem para o crescimento das favelas do Rio.”<sup>52</sup> – e por último, eles nos servem de mão-de-obra barata – “Professor na Paraíba é servente na Barra”; “Eles constroem, guardam e alimentam o Rio”<sup>53</sup>.

Torna-se simples compreender como uma série de reportagens veiculadas por meio de um grande jornal, mesmo com a pretensão de ser “jornalisticamente objetiva”, corrobora com um imaginário do “outro” por vezes reduzido. A alteridade é mostrada aqui, sem lucubrações, como um pobre, miserável, faminto, carente de esperança, sem educação, favelado e que ainda assim, me serve como mão-de-obra barata.

---

<sup>51</sup> Ver anexo III, p. 7 – “*O Globo*”, 18/05/2005.

<sup>50</sup> Ver anexo III, p. 2 – “*O Globo*”, 15/05/2005.

<sup>53</sup> Ver anexo III, p. 8 – “*O Globo*”, 19/05/2005.

#### 4. CONCLUSÃO

Foi possível compreender que o discurso dominante do Sudeste ratifica uma posição que estabelece a felicidade em função do “Eu” não ser nordestino e colabora para que o nordestino tenha a infelicidade de sê-lo. A questão da identidade, sob uma perspectiva futura, nos traz duas vertentes, uma positiva e outra nem tanto. O aspecto a ser aproveitado pelas sociedades é o poder apaziguador do multiculturalismo. A aceitação universalista promove o convívio pacífico entre as culturas, sem a hierarquização de valores a partir das diferenças. Contudo, as múltiplas identidades trazem consigo um aspecto de atraso: promovem a maior possibilidade de criação de “vítimas” da simples existência da cultura do outro. Quando duas partes deixam de dialogar para justificar sua posição de vítima, a ordem de aceitação é interrompida.

De forma alguma esse trabalho pretende ser um ponto final para a reflexão da construção de discursos dentro de uma lógica de poder a partir de identidades e imaginários. O Brasil não tem apenas no nordeste uma vítima dos estereótipos, nem só no Sudeste um berço de normalização. Com a pós-modernidade, múltiplas identidades se chocam, gerando novos conflitos ideológicos a partir de novas interpelações. A discussão do sistema de cotas, das políticas afirmativas, das ações governamentais de distribuição de renda, a representatividade política são temas que possivelmente gerarão novos conflitos de identidade e novos discursos de opressão, através da negativização e negação do outro ou da eterna justificação de vítima.

Ao retirante nordestino, resta, por enquanto, continuar em sua saga de predestinação e contentamento, como o poema musicado por Chico Buarque.

Esta cova em que estás, com palmos medida  
É a conta menor que tiraste em vida

É de bom tamanho, nem largo, nem fundo  
É a parte que te cabe deste latifúndio

Não é cova grande, é cova medida  
É a terra que querias ver dividida

É uma cova grande pra teu pouco defunto  
Mas estarás mais amplo que estavas no mundo

É uma cova grande pra teu defunto parco  
Porém mais que no mundo, te sentirás largo

É uma cova grande pra tua carne pouca  
Mas a terra dada não se abre a boca

É a conta menor que tiraste em vida

É a parte que te cabe deste latifúndio  
(É a terra que querias ver dividida)

Estarás mais ancho que estavas no mundo  
Mas a terra dada não se abre a boca

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. 5ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 14ª edição. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GARCIA, Carlos. O que é nordeste brasileiro. 9ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 2ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral: um escrito polêmico. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PINTO, Milton José. Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos. 2ª edição. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- SODRÉ, Muniz. O social irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia. São Paulo: Cortez, 1992.
- SODRÉ, Muniz. Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.
- VAZ, Paulo. Risco e justiça. In: Calomeni, Tereza Cristina B. (Org.). Michel Foucault - Entre o murmúrio e a palavra. Campos: Editora Faculdade de Direito de Campos, 2004. Vol. 1, p. 101-131. (Disponível em: [http://www.pos.eco.ufri.br/disciplinas/file.php/55/minhas\\_publicacoes/pvaz1.pdf](http://www.pos.eco.ufri.br/disciplinas/file.php/55/minhas_publicacoes/pvaz1.pdf))